

“Os patrícios negros”: projetos de instrução e identidades negras no Brasil do século XX

Stephane Ramos da Costa

Mestranda em História Comparada (UFRJ)

<http://lattes.cnpq.br/7530487531840971>

As questões de educação popular estava entre as mais debatidas e implementadas no Brasil, mais especificamente a partir da segunda década do século XX. O presente trabalho tem como objetivo as escolas gestadas pelo educador negro José Cláudio do Nascimento. Por meio da exposição de documentos tanto do professor quanto da irmandade leiga, esta comunicação procura também examinar as diferentes estratégias de autonomia e inserção social da população negra brasileira.

Palavras-chave:

Associativismo negro ; História da Educação ; Pós-Abolição ; Educação Popular

Questão Educacional

O período republicano se iniciou e a população negra ex-escravizada continuou sem receber incentivos por parte do governo de forma a inseri-los na sociedade que na teoria encarava todos os cidadãos iguais perante a lei. Esses indivíduos ainda eram vistos como seres humanos inferiores e, na imensa maioria das vezes, a prioridade era voltada para a população branca e imigrante europeia que se expandia cada vez mais.

O objetivo deste artigo é, portanto, tratar de processos de formação de identidades negras através da instrução de sua população. Muitos dos espaços associativos negros possuíam projetos que pensavam a instrução de seus associados, e aqui entendemos instrução como qualquer ação com o intuito de informar, educar e compartilhar conhecimentos para melhor qualificação e consciência racial da comunidade negra. Estudar esses sujeitos não minimiza o peso da escravidão para essa população, mas nos auxilia a compreender os outros lugares de parte dessa comunidade.

O fio condutor nos possibilita tratar da questão da educação popular no Brasil por meio de projetos educacionais gestados por indivíduos negros no período do pós-abolição e do Estado Novo. Se trata de José Cláudio do Nascimento, figura que até então não havia recebido tanta atenção por parte da historiografia e foi peça importante entre uma das diversas faces do ativismo negro brasileiro. O que irei expor aqui faz parte da trajetória de um educador, que não só refletia sobre as questões educacionais da população negra e/ou pobre no país, como também trazia tentativas de soluções para esse problema ao construir de forma autônoma no mínimo cinco escolas em territórios urbanos à margem. Penso no conceito de Associativismo Negro cunhado pelo historiador Petrônio Domingues (2008) para se pensar nas formas que os negros conseguiam se reunir com seus pares, seja através de clubes sociais negros, terreiros de candomblé, ou irmandades religiosas. Esta categoria é uma das nossas ferramentas para melhor compreensão das experiências desse educador com suas redes educacionais pelo Rio de Janeiro entre as décadas de 1930 e 1950.

O trabalho se insere no campo da História e da Educação, no qual visa se debruçar sobre aspectos que muitas vezes são invisibilizados pela grande parte das pesquisas com enfoque na educação brasileira. Acredito que entender algumas das diversas formas de apropriação pela população negra de elementos educacionais para se afirmar e se inserir socialmente são importantes para desmistificar a essencialização de uma identidade negra única.

O apóstolo da cartilha

Segundo o censo de 1940 para o Rio de Janeiro (na época Distrito Federal), da totalidade de indivíduos entre 5 e 39 anos que estavam recebendo instrução (sejam elas no grau elementar, médio ou superior), apenas 7,43% eram pretas. Esse dado é importante para se comprovar que indivíduos de cor se encontravam em uma situação muito desfavorável no que diz respeito às oportunidades de ensino e, conseqüentemente, de trabalho. Estudos como os de Adriana Maria Paulo da Silva (2005) e Higor Ferreira (2017), nos apontam para a reflexão sobre a agência da população preta no que diz

respeito à questão educacional já no século XIX antes da abolição do regime escravista no Brasil. Um exemplo disto é a Escola do Pretextato, coordenada pelo professor Pretextato Passos e Silva e que era exclusiva para alunos pretos e pardos até 1873, segundo a documentação. Essa escola é um exemplo de ativismo da população preta que nos ajuda a descrystalizar pensamentos de que esta população não tinha acesso algum aos espaços escolares, como também de que não possuíamos agência em meio ao sistema escravista.

A Conferência Nacional do Negro ocorreu em 1949, no Rio de Janeiro, e funcionou como uma prévia do que seria o I Congresso do Negro Brasileiro. O encontro capitaneado pelo Teatro Experimental do Negro de Abdias do Nascimento tinha como objetivo a formulação da agenda de temas a serem abordados para o congresso que aconteceria no ano seguinte. Muitos foram os nomes que organizaram e marcaram presença no encontro, entre eles Guerreiro Ramos, Maria de Lourdes Vale Nascimento, Sebastião Rodrigues Alves, Guiomar Ferreira Mattos e Édison Carneiro. Para além da produção de cunho jornalístico e dos estudos que se debruçaram sobre o importante evento, Abdias publicou parte significativa dos anais em seu livro. O Negro Revoltado (1982). José Cláudio do Nascimento aparece nos anais como um dos conferencistas e foi o primeiro contato que tivemos com nosso personagem. Possuindo o mesmo último sobrenome que Abdias e Maria de Lourdes, José fez uma fala sobre ao lado desta sobre seus projetos educacionais que ele mesmo criara.

Assim como aparece nas diversas reportagens em que o mesmo aparece, José era um homem negro de tez bem escura, José trouxe contribuições sobre “o problema da educação do negro”¹ nos morros e nas favelas do Rio de Janeiro. O educador foi um importante exemplo de indivíduos que seguiram objetivos ativos e passivos, técnicos e práticos, no que tange a elevação social do negro brasileiro, objetivos estes explicitados por Abdias para o I Congresso do Negro Brasileiro (NASCIMENTO, 1982, p. 91). Antes de ter sido mencionado em jornais pela sua participação no Congresso de 1949, o professor já havia sido aparecido anos antes em páginas jornalísticas de grande vinculação, por suas escolas e por fazer parte de movimentos como a Cruzada Nacional

¹ Jornal Diário Carioca. 11/05/1949

da Educação. É exatamente com isso que nos atermos para esse primeiro momento. Podemos dizer que José Cláudio é um patriota nato que aparece em muitas frentes, entre elas a de professor, reservista do Exército, articulador político e congressista. A maior parte de seus trabalhos se voltavam para a região portuária do Rio de Janeiro, acolhendo entre seus principais discentes os filhos de portuários.

O primeiro projeto de instrução a qual tive contato foi a Escola Miranda de Carvalho, que oferecia curso primário e secundário e além de organizado por membros da Caixa Beneficente dos Portuários - José Cláudio está entre os listados. A escola havia sido fundada em 24 de outubro de 1939 e se mantinha de contribuições voluntárias e não recebia qualquer tipo de subvenção por parte do Estado.

Dois de seus projetos receberam homenagens figuras e datas importantes para a história da população negra. Intituladas de Escola José do Patrocínio e Instituto 13 de Maio, estas foram construídas respectivamente na Favela do Arará e na Avenida Rio de Janeiro, ambas na cidade do Rio de Janeiro. No ano de 1947 o professor que recebia apelidos como o “apóstolo da cartilha” e “patrício negro” aparece em notícia do jornal A Manhã e assim temos acesso a mais uma parte da vida profissional de José Cláudio ao lermos que o mesmo era responsável por quatro escolas: Escola Engenheiro Miranda de Carvalho, Escola José do Patrocínio, Instituto 13 de maio e Escola de Caxias. Todas estas haviam sido colocadas sob a direção e patrocínio da Câmara de Incentivo e Cooperação pelo diretor do Serviço de Alfabetização. Os números de alunos do professor podem ser vistos em notícia anterior veiculada pelo jornal A Manhã é que somando as quatro escolas conseguimos a informação de que são um total de 230 alunos beneficiados com os projetos do educador. A Escola Miranda de Carvalho teria uma frequência de 70 alunos, funcionando em três turnos e o auxílio de quatro professoras diferentes; a Escola de Caxias, no Tanque do Anil contemplava 60 alunos; a Escola José do Patrocínio, se localizava no Parque Arará, número 574, tinha 43 alunos e o Instituto 13 de Maio, que funcionava na Avenida Rio de Janeiro, contava com a presença de 57 alunos.

Nota-se aqui que o ativista recebia atenção não só da imprensa como inclusive de setores dominantes, como é explicitado no auxílio de repartições governamentais

voltadas para a educação, indústria e militares. Ocupar espaços como as forças armadas² pode tê-lo ajudado a se associar à Cruzada Nacional da Educação, já que esta era composta majoritariamente por militares, liberais e industriais e tinha como objetivo principal eliminar o analfabetismo no Brasil. Lembremos que na década de 1920 o Brasil liderou o ranking produzido pelos Estados Unidos como país com a maior taxa de analfabetismo do mundo, o que faz com que tanto o Estado como outros setores se voltem para educação como estratégia de melhoria desse quadro e ser encarado como um “país culto” (PEREIRA, 1982).

O patricio negro também se inseria em espaços políticos a nível federal, como é o caso do Manifesto anti nipo-nazi-fascista datado de 30 de maio de 1942 e intitulado de “Contra o Eixo os portuários do Rio de Janeiro” que recebeu a assinatura de 300 indivíduos. Segundo consta no texto “em cada um portuário, identifica-se um soldado a serviço da Pátria e ao mesmo tempo uma sentinela avançada na defesa da Liberdade do povo brasileiro contra a ameaça nipo-nazi-fascista”. Em menos de uma semana depois José Cláudio se encontra com o chefe de governo em exercício Getúlio Vargas, o que confirma como sua estratégia de inserção o fazia ter esse tipo de inserção e possibilidade - e a importância de externar posições políticas em momentos como a Segunda Guerra Mundial. Não se pode esquecer que o Brasil inicia sua participação mais efetiva na grande guerra ao lado dos aliados, para dois anos mais tarde enviar o primeiro grupo de militares à Itália.

Na década seguinte, mais precisamente no ano de 1956, José Cláudio do Nascimento aparece como gestor de mais uma escola, dessa vez na zona sul da cidade do Rio de Janeiro. O jornal *Imprensa Popular* reporta os atos preparatórios para receber vereadores e demais personalidades que visitariam a Favela da Rocinha. Entre os preparadores daquela manifestação estava José Cláudio, que aparece como dono de uma escola local naquela comunidade. No mesmo ano o educador recebe uma notícia de destaque no mesmo jornal que expõe a repercussão que sua escola na Rocinha estava causando entre os residentes. José é definido como um dos homens mais conhecidos naquela região e um portuário combativo que se dedica a fundação de escolas para crianças pobres.

² José Cláudio do Nascimento aparece como reservista do Exército em jornal Diário de Notícias

A pesquisadora do campo da Educação Vanilda Pereira Paiva nos traz uma importante contextualização de nosso objeto de pesquisa por seus trabalhos relacionados à história da educação popular no Brasil do século XX, mais especificamente em sua pesquisa que resultou no livro *Educação Popular e Educação de Adulto* (PAIVA, 1983), que é tido como um clássico para os que buscam compreender os processos e as expectativas tanto do Estado quanto da população para a instrução geral da sociedade brasileira. Por meio da análise de discursos de autoridades interessadas na questão educacional do país e profissionais da educação, como também de Encontros e Congressos de âmbito nacional e as medidas práticas implementadas entre a metade do século XIX a meados da década de 1980. O enfoque da pesquisadora se volta para a questão da educação popular principalmente após a Primeira Guerra Mundial. A hipótese levantada pela mesma nos mostra que havia um forte laço entre a educação popular - e aí inserimos também a educação de adultos - e a política interna do governo. Segundo ela, o movimento educacional brasileiro em grande parte do tempo se atrelou a atenção atribuída à posição e o prestígio do país em escala mundial, já que o mesmo tinha como intenção ser reconhecido como um “país culto” (PAIVA, 1983. p. 20).

A outra hipótese também levantada por Vanilda é a de que a educação - principalmente a educação de adultos - era uma importante estratégia de intervenção política conquista eleitoral por parte dos governantes em exercício. Acredita-se que através da alfabetização e instrução de jovens e adultos serviria de instrumento ideológico tanto para os interesses dominantes quanto dominados.

Pensando em um viés mais eurocentrado, a educação popular só começa a ser encarada como algo importante a partir da revolução industrial, pois, é a partir daí que se torna necessário certo domínio das técnicas da leitura e da escrita de forma mais expandida, além de, para o sistema capitalista, isso ser uma estratégia de ascensão social. No caso brasileiro a ideia da expansão da intelectualidade brasileira se dá de forma mais efetiva no século XIX sob a justificativa de que isso auxiliaria na evolução e progresso do país.(PAIVA, 1983. p. 27). Ilmar de Mattos também faz um diálogo com esse contexto ao nos mostrar como a instrução também foi utilizada como estratégia de construção da identidade nacional de um Brasil a partir de 1830, utilizando a corte como

um laboratório para as outras províncias de um país em processo de unificação. (MATTOS, 2004).

Vanilda se utiliza de termos como “otimismo pedagógico”, “estusiasmo pela educação” e “realismo em educação” para tratar de diferentes perfis e vertentes adotadas por indivíduos que se debruçavam pela questão educacional. Essas categorias serão utilizadas por nós, pois acreditamos que nosso personagem se encaixe no perfil que Vanilda preconizou de “entusiasta da educação”. Os “entusiastas pela educação” começam a aparecer na segunda década do século XX. Isso por conta da intensificação do processo de nacionalização brasileira, que no âmbito educacional deu enfoque principalmente às medidas para dar fim às escolas germânicas localizadas ao sul do país. Estas escolas são vistas como espaços de “desnacionalização da infância” e que deveriam ser combatidos de maneira veemente. Não por um acaso é neste contexto que José Cláudio do Nascimento aparece pela primeira vez em nosso corpus documental. O educador aparece como um dos doadores de material escolar para escolas de Blumenau que tinha como objetivo nacionalizar aquele território.

Ter acesso à documentação do professor José Cláudio e dar voz a parte de sua trajetória é importante pela oportunidade de se estudar mais uma experiência de personagem que exercia seu ativismo a favor das classes mais abastadas sem esquecer a importância da consciência racial. Não há até então trabalhos que mobilizem a trajetória de nosso “patrício”, o que aumenta a responsabilidade para publicizar esta história. “Os conferencistas [do 1º Congresso do Negro Brasileiro] foram vários, entre eles Aguinaldo Camargo, Sebastião Rodrigues Alves, Ivonildes Rodrigues(...), a grande maioria das teses e discussões versava acerca da questão educacional. (...) José Cláudio do Nascimento, fundador das Escolas José do Patrocínio e 13 de Maio, nas comunidades de Parque Arará e Morro da Favela, discorreu sobre a educação”

Ainda não foi encontrado indícios da escola localizada no Morro da Favela que Elisa Larkim Nascimento escreve, mas não parece algo inverossímil se tratando de José Cláudio.

Conclusões

Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2016) nos ensina que a escolarização é um valor para a comunidade negra, pois esse é um dos espaços em que temos condições de expressar quem somos e o projeto o qual queremos defender. Para ela este espaço também é de refúgio que pode ser utilizado como instrumento de se fazer conhecido e reconhecido a história de um povo. Não precisamos explicar muito para entender como estas palavras se encaixam muito bem na visão tanto do educador negro quanto dos estudantes que participavam de suas escolas.

Projetos como o de José Cláudio não eram novidade inclusive para o contexto pesquisado. O país havia passado pela experiência da Frente Negra Brasileira, entidade que também dava um importante enfoque na questão educacional.

Ao buscar uma análise conjuntural de parte da população negra nas décadas de 40 e 60 do século XX foi possível primeiramente descrystalizar a suposta ideia de que seriam indivíduos completamente passivos e aquém de sua própria história. Exemplos como a Escola do Pretextato no século XIX e as escolas que tinham José Cláudio do Nascimento como fundador são mais do que plausíveis para confirmar que desde antes mesmo da abolição da escravatura algumas estratégias foram pensadas e acionadas para a resistência e afirmação política. Não é de hoje e nem do século XX que a história cultural negra registra a atuação de homens e mulheres negros ocupando posições no mundo intelectual.

Pensar questões e projetos educacionais nos auxilia a entender quais eram os projetos de identidade nacional da população negra estavam em disputa. Essa afirmação pode ser feita pois os indivíduos que possuíam ideais de progresso através da instrução tinha consciência do que o sociólogo Costa Pinto chamou de círculo vicioso da educação, em que o baixo nível educacional é responsável posição inferior nos grupos sociais, e esta posição social, em contrapartida, é causada pelo baixo nível educacional de quem pertence a ela. Como as teorias racialistas ainda estavam muito evidentes em nossa sociedade, a instrução era uma resposta àqueles que afirmavam que a população negra era de fato inferior biologicamente.

As conquistas empreendidas pelo educador José Cláudio do Nascimento no terreno educacional possibilitaram a inserção condigna de alguns negros na sociedade e,

ao mesmo tempo, contribuíram para o acúmulo de forças do movimento social que procurou sensibilizar o Estado e a sociedade civil da importância de construção de uma ordem étnico-racial mais justa e igualitária no país. As cinco escolas organizadas pelo professor são ótimos exemplos de como os projetos educacionais à margem conseguiam se manter e quais eram as estratégias utilizadas para estes estivessem sempre na mira da imprensa e de parte dos setores dominantes da sociedade como um todo. É como se estar à margem os possibilitasse participar de ações que ocorriam no centro do poder, sendo o exemplo para legitimar a propaganda de um governo populista.

O nosso “apóstolo da cartilha” tinha a noção de como a instrução é um caminho para promover maiores possibilidades de sucesso no mundo moderno. Para melhorar o nível de vida era e ainda é preciso competir, e para isso impunha-se a necessidade de dominar o instrumental não apenas técnico, como também social, exigidos para o desenvolvimento profissional. O domínio social que José Cláudio possuía transparece não só em suas vestimentas impecáveis até mesmo em momentos catastróficos como a destruição da Favela da Alegria, como também suas ideologias patrióticas que o trazia prestígio dentre setores políticos.

Encaro a pesquisa sobre o “patrício negro” como um desafio justamente pelo fato de se tratar de um projeto educacional à margem que não perpassava aparentemente pela mãos do Estado e nem mesmo de uma “elite negra” com maior poder aquisitivo - como é o caso da Escola da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos. As estratégias utilizadas não só por José como por outros ativistas expressa uma relação que também faz parte do movimento integracionista e que não pode de forma alguma ser reduzido à mera e hipotética absorção de valores dominantes. Aqueles indivíduos negros não faziam isso buscando uma atitude paternalista, e sim seus próprios direitos.

Referências Bibliográficas

CHALHOUB, Sidney. **Visões de Liberdade:** uma História das Últimas Décadas de

Escravidão na Corte. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. 3a. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

DE CARVALHO, Maria Alice Rezende. **Intelectuales negros en el Brasil del siglo XIX** In.: História de los intelectuales en América Latina, Carlos Altamirano (org.)

DOMINGUES, Petrônio; GOMES, Flávio. Políticas de Raça: Experiências e legados da abolição e pós-emancipação no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2014.

_____. **Da Nitidez e Invisibilidade: Legados do Pós-Emancipação no Brasil**. Belo Horizonte: Editora Fino Traço, 2013.

_____. **Experiências da Emancipação: biografias, instituições e movimentos sociais no pós-abolição (1890-1980)**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

DOMINGUES, Petrônio. A nova abolição. São Paulo: Selo Negro, 2008.

FERREIRA, Higor Figueira. **Mais que uma Escola: a construção de um currículo para uma escola de meninos pretos e pardos na Corte**. In: MAC CORD, Marcelo; ARAÚJO, Carlos Eduardo Moreira de; GOMES, Flávio dos Santos. (Org.). Rascunhos cativos: educação, escolas e ensino no Brasil escravista. 1ed. Rio de Janeiro: Faperj/7Letras, 2017, v. 1, p. 214-232.

_____. **A construção do currículo em uma experiência escolar para meninos pretos e pardos na Corte em meados do século XIX**. 2014. Dissertação em Educação: UFRJ
FONSECA, Marcus Vinicius; BARROS, Surya (Orgs.). **A História da Educação dos Negros no Brasil**. Niterói: EdUFF, 2016.

GIACOMINI, Sônia Maria. **A Alma da Festa: Família, Etnicidade e Projetos num Clube Social da Zona Norte do Rio de Janeiro - O Renascença Clube**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: Modernidade e Dupla Consciência**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2012.

GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. **Intelectuais Mediadores: Práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016

GONDRA, José Gonçalves; SCHUELER, Alessandra. **Educação, poder e sociedade no Império Brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2008.

NASCIMENTO, Abdias (Org.). **O Negro Revoltado**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova

Fronteira, 1982

PAIVA, Pereira Vanilda. **Educação Popular e Educação de Adultos**. São Paulo: Edições Loyola. 1982

OLIVEIRA, Anderson José Machado de. **Devoção Negra: Santos Pretos e Catequese no Brasil Colonial**. Rio de Janeiro: Quartet Editora, 2008.

SILVA, Joselina da. Renascença: **Lugar de negros no plural**. 2001. Dissertação. UERJ

SILVA, Selma Maria da. **Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos: Práxis de Africanidade**. Rio de Janeiro: Editora Sempre Negro, 2008.

SCHWARCZ, Lília Moritz; GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.). **Dicionário da Escravidão e Liberdade: 50 textos críticos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018

SODRÉ, Muniz. **Claros e Escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999

THOMPSON, Edward. **A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1981.